

Entrevista: Evanildo Bechara

Por: Marta Batista Ordonez Antezana¹

É com imensa alegria que publicamos, na *Revista Metalinguagens*, a entrevista realizada com o ilustre professor Evanildo Bechara, catedrático da Academia Brasileira de Letras, filólogo e autor da *Moderna Gramática Portuguesa*. Aqui, ele tece considerações sobre as normas gramaticais, a variedade linguística e o papel dos professores no ensino da língua portuguesa.



(Imagem colhida durante a entrevista, Academia Brasileira de Letras)

¹ Professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo, Campus São Paulo, Doutora em Língua Portuguesa (USP).
Endereço eletrônico: marta.boa@ifsp.edu.br

A gramática tradicional tinha como escopo apresentar as regras gramaticais baseadas na linguagem literária. Na atualidade, os gramáticos ainda consideram que a literatura é o único gênero capaz de ensinar a escrever e a falar bem a língua portuguesa?

Desde os primeiros passos do ensino da gramática normativa no mundo greco-romano, os autores buscavam exemplos de suas regras no testemunho literário em prosa ou poesia. Mas modernamente, principalmente quando a pesquisa linguística abraçou a realidade dos dialetos, se passou também a usar a documentação extraída da língua oral ou falada. Como se trata de uma gramática escolar para fins pedagógicos, o padrão escrito literário continua sendo o testemunho de escritores, quer no uso mais elevado da literatura, quer na prática coloquial. Hoje, sem o ranço do purismo, continua mais frequente a citação de textos escritos para documentar a regra formulada pelo gramático.

Outros gêneros textuais podem ser aliados da gramática no processo de ensino/aprendizagem do português?

O item da pergunta nos leva a dizer que a exemplificação gramatical utiliza o respaldo de todos os gêneros textuais, estendendo-se até as letras de música popular.

Na sua opinião, a gramática ainda é instrumento linguístico importante para o ensino das línguas em geral?

Na minha opinião, a gramática normativa ainda é, em sala de aula, um instrumento linguístico importante para o ensino de línguas, especialmente o da língua materna. Quando se trata de língua estrangeira, a melhor orientação é seguir o que se emprega na linguagem corrente falada.

As gramáticas clássicas greco-latinas deram muita importância ao estudo da retórica. Com o passar do tempo, por que houve essa desvinculação entre gramática e retórica?

De modo resumido, pode-se dizer que a gramática era uma das disciplinas do *Trivium*, disciplinas do primeiro estágio escolar, constituído de Gramática, Retórica e Lógica. Com o correr do tempo, o gramático incluiu nas suas considerações aspectos materiais da linguagem mais comumente apreciados pela retórica. Uma reação, depois dos ideais renascentistas, resolveu privilegiar no ensino gramatical os ditames da lógica, como podemos observar na obra do humanista espanhol Francisco Sánchez de las Brozas intitulada *Minerva*, aparecida em Salamanca em 1587. Mas a verdade é que a gramática com o seu prestígio foi a única disciplina do *Trivium* que chegou vitoriosa aos nossos dias.

A variedade linguística do português do Brasil já passou por várias denominações, dentre elas *dialeto nacional*, *língua portuguesa falada no Brasil*, *língua nova luso-brasileira*, *língua portuguesa do Brasil* e *língua brasileira*. Hoje, podemos considerar essa variedade como língua brasileira ou não?

Optar pela expressão *língua brasileira* para designar o português falado e escrito no Brasil é uma possibilidade de que se pode servir qualquer brasileiro. Optar pela denominação *língua portuguesa* aplicada a esta mesma variedade é decisão perfeitamente plausível. A escolha obrigatória só se imporá se a descrição se restringir a uma determinada variedade regional e, automaticamente, sem pretensões de normatizações pedagógicas.

Atualmente, existem mais semelhanças ou mais diferenças entre o português de Portugal e o português do Brasil?

Só a consulta a descrições científicas mais recentes poderá responder ao quesito número 6.

Quais foram os iniciadores do debate pela unificação linguística da língua portuguesa nos países lusófonos? Por que se considerou necessária essa unificação?

Os que iniciaram os projetos das Academias devem ter sido os mais interessados em defender a unificação linguística da língua portuguesa praticada nos países chamados lusófonos.

Qual é o balanço que o senhor faz dos vários anos da implantação do Acordo Ortográfico?

A tentativa de unificação ortográfica entre Portugal e Brasil começou na segunda década do século XX e se tem prolongado até os nossos dias. Sem dúvida nenhuma essa unificação tem seus efeitos positivos não só no ensino da língua, mas também na maior divulgação das respectivas literaturas e da expansão do idioma no mundo. Obra de técnicos, e não de usuários do idioma, incluindo aí os escritores, a unificação, na medida do possível, só trará benefícios a esta causa.

Com todos esses anos de experiência profissional e acadêmica, como o senhor delinearía a formação IDEAL de um futuro professor de português?

A formação IDEAL de um futuro professor de português estará na razão direta de ser um profissional honesto consigo mesmo e com aqueles que passarem a ser seus alunos. Alargar o mais possível o campo dos seus conhecimentos e procurar transmitir aos seus alunos o mesmo desejo de aprender.